



Abordagem histórica sobre trajetória das mulheres no jornalismo esportivo amapaense¹

Karina RODRIGUES²

Antônio Carlos SARDINHA³

Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

RESUMO

Este artigo apresenta os fundamentos conceituais e reflexão sobre o fazer jornalístico sobre a inserção feminina na imprensa esportiva amapaense, destacando a história e os principais desafios que permearam a atuação da mulher neste campo do jornalismo. Por meio dos métodos e técnicas da reportagem jornalística foi registrado relato de mulheres que foram pioneiras no jornalismo esportivo do Amapá e, dessa forma, apontamos os desafios do campo profissional do jornalismo esportivo no estado. O trabalho é fruto do projeto de livro-reportagem intitulado ‘A Bola da Vez - Relatos das mulheres pioneiras na imprensa esportiva amapaense’.

PALAVRAS-CHAVE: Participação feminina; jornalismo esportivo; Amapá.

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, as diferenças de gênero na sociedade fizeram com que a mulher fosse tratada como sexo frágil e suas atividades sempre fossem ligadas a família e ao lar. Enquanto isso, os homens continuavam suas tarefas normalmente. No entanto, a partir do final do século XIX e início do século XX, as mulheres passaram a ser inseridas no mercado de trabalho, conquistando, assim, sua representação na sociedade.

Até conquistar melhores condições de trabalho e salários mais igualitários, elas tiveram que lutar incessantemente para conquistar os direitos que hoje lhes são dados. No jornalismo esportivo, essa realidade não foi diferente.

A entrada da mulher no ramo do jornalismo esportivo aconteceu muito recente, a partir da década de 1970, e representou uma grande quebra de paradigma, pois, antes disso,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

² Professor do curso de jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: sardinhajor@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP-AP, E-mail: karinagoes7@hotmail.com

apenas homens eram encarregados de fazer coberturas esportivas, o que fez com que essa profissão fosse considerada masculina por muito tempo.

Outro fator que impulsiona a maior participação masculina nesse segmento é o fato de a modalidade de maior interesse e repercussão no país ser o futebol, esporte que fez o jornalismo esportivo se popularizar no Brasil.

Atualmente, percebe-se que a entrada de mulheres nessa área tem se potencializado em âmbito nacional, aumentando, assim, as oportunidades para as mulheres conhecedoras de esporte.

No Estado do Amapá, ainda se tem poucos registros de mulheres trabalhando nessa área. Tal constatação impulsionou a escolha da temática a ser estudada neste trabalho, tendo em vista que estudos relacionados ao tema ainda são escassos e a história da participação feminina no jornalismo esportivo amapaense é pouco discutida.

A pesquisa, apesar de se deter na discussão da participação feminina no jornalismo esportivo amapaense, também pretende contribuir para na compreensão do próprio fazer jornalístico especializado na cobertura esportiva no estado.

Homens x Mulheres – As desigualdades de gênero ao longo da história

A luta das mulheres pela conquista dos direitos de cidadania vem desde a antiguidade, quando a presença feminina era proibida em diversos segmentos da sociedade. Essa opressão masculina sobre as mulheres está marcada desde a linguagem até aspectos culturais, como define Eliene do Carmo Santos:

A dominação masculina pode ser constatada em todos os momentos da vida. A nossa língua está tão marcada que encontramos dificuldade linguística para falar sobre esse assunto. O termo “homem” é utilizado até hoje para referir-se ao ser humano. Desde cedo, aprendemos que para nos referirmos a um grupo composto de um homem e de muitas mulheres, o plural deve ser masculino. (Brasília 2007, p.9)

Partindo desse ponto de vista, constata-se que desde a infância as crianças são ensinadas que atividades de meninos e de meninas são distintas, fazendo assim com que durante os primeiros anos de vida as pessoas façam a diferenciação do que é feminino e masculino através das atividades praticadas por mulheres e homens, respectivamente. Então esses discursos sobre o feminino e o masculino, deixam de ser estabelecidas pelo sexo e passam a ser definidos por gênero, que são construídos culturalmente. Simone de Beauvoir

(*apud* Butler, 2003, p. 27) afirma “a gente “se torna” mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não vem do “sexo”. Não há nada em sua explicação que garanta que o “ser” que se torna mulher é necessariamente fêmea”.

Desde que o homem começou a produzir seu alimento, nas sociedades agrícolas já existia a divisão sexual do trabalho marcada, desde sempre, pela capacidade reprodutora da mulher. Essa função de reprodutora da espécie favoreceu a subordinação da mulher ao homem, pois ela era responsável pela criação dos filhos e pelas obrigações de casa, além de ajudar no trabalho do campo (Bessa, 2007, S.P).

De acordo com Bessa (2007, S.P) “a mulher ainda ocupa as atividades relacionadas aos serviços de cuidar (nos hospitais, a maioria das mulheres são enfermeiras e atendentes, são professoras, educadoras em creches), serviços domésticos (ser doméstica), comerciarias e uma pequena parcela na indústria e na agricultura”.

Devido a essas questões de gênero, os homens sempre mantiveram a dominação da representação social e do mercado de trabalho, colocando assim o sexo feminino como secundário. Butler, (2003, p. 19) garante que “a crítica feminista também deve compreender como a categoria das ‘mulheres’, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação”.

A opressão da mulher na sociedade não está apenas ligada as questões econômicas, mas também por questões psicológicas, emocionais e culturais herdadas da diferença entre homens e mulheres.

Ao mesmo tempo em que nas últimas décadas as mulheres tiveram uma crescente participação no mercado de trabalho, elas sofreram com as desigualdades devido aos estereótipos definidos historicamente pelas diferenças sexuais, que colocam o homem com sua força como ser superior as mulheres, que são consideradas sexo frágil, o que implica na desigualdade no mercado de trabalho que se reproduz ao longo do tempo.

Outro fator que ainda é desfavorável para a mulher no mercado de trabalho é a questão salarial, pois apesar das mulheres estarem cada vez mais se dedicando aos estudos, elas ainda ganham os menores salários e dificilmente chegam a cargos de chefia. Isso marca a inserção feminina por suas desigualdades e as coloca em condições desfavoráveis.

Essa discriminação do sexo feminino fez com que a entrada da mulher no mercado de trabalho acontecesse tardiamente, foi só a partir do final do século XIX e início do século XX que se deu início essa inserção.

Apesar de parecer um avanço isso aconteceu apenas pelas mudanças ocorridas no mercado e pela necessidade de mão de obra, após a revolução industrial, entre 1770 e 1830, na Inglaterra. Foi a partir desse momento que as mulheres começam a lutar para minimizar as desigualdades através de diversos movimentos feministas nas décadas de 60 e 70.

Foi só a partir do século XX que as mulheres deixaram de exercer somente as ligadas ao lar, como donas de casa, e passaram a exercer uma função no mercado de trabalho. Os homens, por outro lado, permaneciam exercendo suas funções normalmente.

Os homens não estão submetidos à tensão estrutural entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado. As mulheres sim. Mantêm uma dedicação parcial tanto no trabalho remunerado como no doméstico, e vivem por isso, uma grande frustração, mal-estar, insatisfação. Não mudam de posição na estrutura social, mas “meio ocupam” duas posições ao mesmo tempo. (TOLEDO, 2008, p. 2)

Ao longo da história a mulher sempre foi definida como o sexo frágil, cabendo dessa forma prestar apenas serviços voltados às atividades do lar, por isso quando a imprensa feminina surgiu, no início do século XIX, todas as publicações voltadas para esse público eram relacionadas a literatura e moda. Buitoni (2009, p. 29) justifica que “de qualquer modo, entre a literatura e as chamadas artes domésticas, o jornalismo feminino já nasceu complementar, revestido de um caráter secundário, tendo como função o entretenimento e, no máximo, um utilitarismo prático ou didático”. No entanto, quando as mulheres passaram a ser inseridas nas redações de jornais do país, foi que algumas mudanças aconteceram nesse cenário. Mas como a entrada da mulher tanto na imprensa quanto no mercado de trabalho aconteceu de forma tardia, a participação feminina ainda é desigual, tendo em vista que os homens sempre permaneceram com seus direitos assegurados ao longo da história em detrimento das mulheres.

Enquanto o homem desenvolvia suas atividades normalmente o sexo feminino era menosprezado tanto na vida pública (profissional), quanto na vida privada (doméstica). No entanto, após séculos de opressão e submissão perante o homem, atualmente, o sexo feminino tem maiores condições de direitos na sociedade, como o de voto, ao trabalho, de praticar esportes, entre outros. (BRAVO, 2009, p. 11)

Bravo (2009) define que “antes mesmo de reivindicar por atos o sexo feminino passa por uma longa história de liberdade, opressão, desigualdade, etc. Depois dessa conquista o sexo feminino começou a ter maior participação em atividades públicas, no trabalho, e no esporte”.

Após anos de lutas, as mulheres passaram a demonstrar que a divisão sexual do trabalho é simbólica e baseada apenas nas questões de gênero, pois, mesmo com todas as barreiras enfrentadas durante a entrada da mulher no mercado de trabalho, elas passaram a se dedicar mais aos estudos, o que possibilitou a mulher a ter uma remuneração mais condizente e maior facilidade de ingressar em carreiras até então definidas como masculinas.

Tais mudanças se refletiram nas relações construídas entre a esfera pública e a privada, ou seja, nos espaços de produção e de reprodução. Nesta última, localizam-se a família e a esfera doméstica, na qual as mulheres atuaram de modo exclusivo por um longo tempo. A saída desse mundo exclusivo – como efeito das mudanças históricas ocorridas – transformou a organização da família e a realização das atividades domésticas, implicando uma crescente liberação da mulher para a esfera pública, na qual se insere o mercado de trabalho (Flecha, 2007, S.P)

No entanto, mesmo com esses avanços ocorridos nos últimos anos, as mulheres ainda possuem dificuldade em chegar a cargos de chefia e galgar por espaços mais elevados dentro do mercado de trabalho. A pesquisa divulgada em 2013 pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) aponta que apesar de o número de mulheres jornalistas ser superior ao de homens (64%), ainda são os homens que ocupam os cargos de chefia dentro das redações do país.

Inserção das mulheres jornalistas em coberturas esportivas

A presença feminina no jornalismo esportivo aconteceu a partir da década de 1970 e assim como em outras áreas do mercado de trabalho, a inserção feminina foi marcada por rupturas e quebra de tabus que vem desde a participação das mulheres em atividades esportivas.

Ao longo dos anos, várias barreiras tiveram que ser quebrados até que houvesse uma maior aceitação das mulheres no meio esportivo que, durante muitas décadas, foi dominado exclusivamente pelo sexo masculino. Silvana Goelner (2012) destaca que esse cenário foi se modificando e mesmo com as indiferenças, as mulheres passaram a ocupar espaço nas competições:

A história das mulheres no universo esportivo brasileiro é marcada por rupturas, persistências, transgressões, avanços e recuos. Desde meados do século XIX, elas se fazem presentes nas arenas esportivas como expectadoras e praticantes. No entanto, é a partir das primeiras décadas do século XX que essa participação se ampliou e consolidou. (GOELNNER, 2012, S.P).

Ao longo da história da inserção da mulher no esporte e no jornalismo esportivo existe um fator que até os dias de hoje impediu a participação feminina igualitária, o preconceito. Apesar das conquistas alcançadas pelas mulheres o preconceito trouxe as desigualdades e a desvalorização da mulher nesses aspectos. Como destaca Rubio (2001, p. 137- 138):

O tratamento desigual em relação aos atletas do sexo masculino não deixou de existir. Ou seja, da mesma maneira que no mundo profissional a mulher avançou e conquistou seu espaço nas mais variadas funções, mas ainda não venceu as barreiras do preconceito, no mundo esportivo isso também se deu. A imposição da diferença está dada na determinação de prêmios e privilégios que permanecem maiores para os atletas do sexo masculino. E mais uma vez o esporte imita a vida.

Mota afirma que mesmo com as mudanças ocorridas, as mulheres ainda passam por problemas no mercado de trabalho. Mesmo que o preconceito não exista na mesma proporção dos anos anteriores, as mulheres ainda têm que provar que possuem capacidade de realizar coberturas esportivas, sejam elas de futebol ou qualquer outro esporte. Muitos acreditavam que pelo fato de ser do sexo feminino, as mulheres não teriam domínio sobre os principais esportes praticados no país, o que fez com que as mulheres fossem escaladas apenas para realizar a cobertura dos esportes de menos popularidade. Apesar do pouco espaço que lhe é dado, a mulher tem demonstrado que é possível atuar nessa área do jornalismo, sem que se perca a qualidade da notícia.

O Esporte é outro tema onde as mulheres não apresentam uma só aparição nas capas como protagonistas. É de alguma forma compreensível para um país que possui o futebol como esporte preferido das massas, que os homens tenham uma representatividade mais ampla que as mulheres. Porém, em esportes como o basquete e o voleibol, as mulheres tiveram consideráveis destaques em competições internacionais. A completa inexistência de capas focando as diferentes modalidades de esportes sem que uma só esteja dedicada à mulher abre espaço para uma reflexão sobre as causas. (ADAMI HELLER e FARIA CARDOSO, 2003, p. 331)

A partir da ascensão da mulher no mundo esportivo, elas passaram a aproveitar essa oportunidade de inserção para utilizar a imprensa como forma de expressar o preconceito e as dificuldades enfrentadas ao exercer tal profissão. Conforme Oliveira (2005), o jornalismo feminino da segunda metade do século XX foi feminista, pois as mulheres, que antes de serem escritoras e jornalistas eram mães e esposas, como a sociedade lhes exigia, expressavam nos textos um discurso reivindicatório em favor próprio. (OLIVEIRA, 2005, p.2).

Para Mota (2011, p.27) “a mulher consegue desmitificar a ideia de que o mundo dos esportes só pertence aos homens e que elas não têm competência para discutir. O poder de

comunicação em massa contribui para que as mulheres consigam conquistar credibilidade do público ao assistir um programa e ter como protagonista uma mulher apresentando, por exemplo”.

Mas devido à entrada tardia da mulher na imprensa esportiva, a participação masculina nessa área ainda é superior, pois enquanto as mulheres lutavam para garantir seu lugar no mercado de trabalho, os homens seguiam suas atividades normalmente. Além disso, a predominância masculina na área esportiva criou uma cultura de que apenas homens poderiam se interessar por esse tipo de notícia, conforme Coelho (2003, p.34).

Mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. Se em um estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres na redação.

A atuação das mulheres pioneiras na imprensa esportiva amapaense

No Estado do Amapá, ainda se tem poucos registros de mulheres trabalhando nessa área. Tal constatação impulsionou a escolha da temática a ser estudada neste trabalho, tendo em vista que estudos relacionados ao tema ainda são escassos e a história da participação feminina no jornalismo esportivo amapaense é pouco discutida.

Conforme pontuado, o presente artigo procura destacar por meio de pesquisa exploratória, baseada nas técnicas de entrevista em profundidade, resgatar a história das jornalistas esportivas que, de forma pioneira contribuíram para o desenvolvimento do jornalismo esportivo no Amapá. A pesquisa compõe um trabalho mais amplo de reportagem que culminou com a produção do livro-reportagem intitulado ‘A Bola da Vez – Relatos das Mulheres Pioneiras na Imprensa esportiva’, que teve como objetivo principal abordar de que forma as mulheres pioneiras na imprensa esportiva, Geni Frota e Alcinéa, cooperaram para a inserção feminina nesse segmento.

Ao longo das entrevistas realizadas com as personagens principais e com especialistas que pudessem fazer pontuações especializadas a respeito do tema, foi realizado o processo de levantamentos de informações para subsidiar a produção do conteúdo. O objetivo geral da pesquisa é analisar de que forma se estabelece a inserção da mulher no jornalismo esportivo no Amapá, buscando investigar, através de entrevistas, quais são os maiores

impedimentos para que as mulheres permaneçam trabalhando na editoria, considerando que as mulheres participam pouco dessa área.

Com o aumento da participação feminina em âmbito nacional foi que algumas mulheres passaram a ser inseridas na imprensa esportiva amapaense, mas ainda são poucas as mulheres do estado que se dedicam as coberturas esportivas. O jornalismo esportivo local foi uma área que pouco se desenvolveu nos últimos anos.

No Amapá, as primeiras transmissões esportivas aconteceram a partir da década de 1940, quando a Rádio Difusora de Macapá (RDM) passou a fazer a cobertura dos jogos que aconteciam na Praça da Igreja Matriz. Nesse período, o rádio era o meio de comunicação mais acessível da época.

Humberto Moreira (2014) afirma que durante as primeiras décadas do jornalismo esportivo amapaense não existiam mulheres que fizessem parte de alguma equipe esportiva, principalmente no rádio, onde o futebol sempre foi o esporte de maior audiência. Foi só a partir da década de 1970 que surgiu a primeira repórter esportiva em *Jornal Impresso*. Alcinéa Cavalcante foi a primeira mulher a participar de coberturas esportivas no estado, após a aparição dela, ao longo dos anos, outras mulheres foram surgindo nas coberturas esportivas, porém, sempre estiveram em menor número nas redações esportivas.

Foi só a partir de 2002, com a implantação do curso de jornalismo em uma instituição de ensino superior privada do estado, e com a inserção da mulher no jornalismo esportivo televisivo em rede nacional desde a década de 1990 que as mulheres passaram a ser inseridas em maior número nesse segmento no Amapá (Moreira, 2014).

Alcinéa Cavalcante (2014) foi a primeira mulher a ingressar nas coberturas esportivas no Amapá. Com apenas 13 anos de idade a amapaense iniciou suas atividades na imprensa local. Alcinéa despertou interesse pelo jornalismo por influência de seu pai, Alci Araújo, que também começou a trabalhar muito cedo na área, antes mesmo dos 18 anos de idade. Durante sua carreira, Alcinéa passou por jornais como *Folha do Norte*, *O Liberal* e quando veio para o Amapá trabalhou no primeiro jornal diário do estado, o *Jornal do Povo*, e foi justamente onde a jornalista teve a oportunidade de trabalhar com jornalismo esportivo. O *Jornal do Povo* iniciou suas atividades em 1973 e foi considerado inovador, pois nesse período existia apenas emissoras de rádio no estado.

Cavalcante (2014) ressalta que sempre foi apaixonada por esporte e literatura, por esse motivo foi chamada para trabalhar como repórter. A jornalista trabalhou de 1973 a 1978 no jornal do Povo. Quando começou a desempenhar suas atividades no jornal tinha apenas 15 anos de idade. Apesar de toda resistência para a inserção feminina, Alcinéa passou a se dedicar as coberturas esportivas, devido a sua forte aproximação com modalidades esportivas, e como nesse período não existiam repórteres qualificados e especializados, essa foi uma grande oportunidade para Alcinéa.

Nunca fui obrigada pelos meus pais a seguir carreira no jornalismo, mas a convivência com jornalistas me fez seguir esse caminho, e como naquela época não existia exigência de diploma, ou proibição de trabalho de pessoas menores de idade, então eu tive facilidade para ser inserida nesse meio (CAVALCANTE, 2014).

Nesse período, era muito difícil ver mulheres jornalistas, o que mais se via eram homens nas redações, as poucas mulheres que foram aparecendo se dedicavam a coluna social e as colunas dirigidas para as mulheres, que tinham receitas e notícias sobre moda. Cavalcante (2014) destaca que as maiores barreiras para sua inserção no jornalismo esportivo vieram por parte dos colegas de imprensa.

Se formos definir como barreiras, as únicas vieram dos colegas de imprensa que não estavam acostumados a dividir espaço com as mulheres, em primeiro momento tive situações difíceis de provocações e críticas ao meu trabalho, mas depois nos tornamos colegas e chegávamos até a nos ajudar durante algumas coberturas (CAVALCANTE, 2014).

Mesmo com o passar dos anos as coberturas esportivas ainda continuaram sendo tarefa exercida em grande maioria pelos homens. Em 2008 quando a primeira comentarista esportiva surgiu no Amapá houve muitas críticas a participação feminina nesse segmento da imprensa. No entanto, nem mesmo as dificuldades de inserção impediram Geni Frota de ousar a adentrar nas coberturas esportivas e se tornar a ‘Primeira Dama dos Comentários’. Sobre as dificuldades enfrentadas Frota (2014) afirma:

As principais barreiras para as mulheres são o machismo que já está instalado na sociedade e o fato da mulher querer fazer aquilo igual ao que já é feito pelos homens. Temos que mostrar nosso diferencial até porque no mercado tem espaço para todos (FROTA, 2014).

A socióloga e pesquisadora Mary Ferreira, justifica que devido a aspectos culturais da sociedade patriarcal, em que os homens têm o comando das principais atividades exercidas, as mulheres têm tido dificuldade de conquistar espaço na vida política quanto na área do jornalismo esportivo, pelo fato de serem aparentemente redutos masculinos.

A mulher tem que ser muito persistente e mostrar o tempo todo muita competência, porque é muito difícil conseguir reconhecimento na sociedade conservadora que coloca a mulher como ser secundário (FERREIRA, 2014)

O pesquisador da Universidade Estadual Paulista (Unesp), José Carlos Marques (2014) explica que o mundo do esporte, especialmente o do futebol, ainda é dominado por uma mentalidade de valorização das masculinidades. Segundo ele, isso explica, em parte, o motivo de a mulher ter demorado a se inserir no jornalismo esportivo e porque assumiu apenas algumas funções.

Devido à resistência do passado, as mulheres ocuparam apenas algumas funções desse segmento. Para que as mulheres conquistem de fato espaço nessa área é necessário observá-la atuando em outras funções que existem na área de cobertura especializada em esporte.

Geni Frota e Alcinéa Cavalcante foram às precursoras nessa área. Ambas foram atletas durante a adolescência e descobriram no jornalismo esportivo a oportunidade de manter uma aproximação com as modalidades esportivas. Geni ressalta que sempre foi tratada com respeito pelos colegas de imprensa devido duas coisas: sua paixão pelo esporte e a postura firme e determinada em tudo que faz. Alcinéa destaca que apesar de ter sido a primeira mulher a pisar nos gramados, nunca sentiu que houvesse distinção pelo fato de ser do sexo oposto:

Na década de 1970 como só existia emissoras de rádio e o jornal impresso, trabalhar em um dava status ao repórter, pois os entrevistados preferiam passar informações ao impresso porque as matérias poderiam ser guardadas e documentadas, diferente das matérias que eram veiculadas no rádio, que não entravam para a história (ALCINÉA, 2014).

A comentarista esportiva cearense formada em pedagogia, Geni Frota, foi atleta de alto rendimento até os 17 anos e após se aposentar das quadras, veio para o Amapá, onde mora há mais de 20 anos. Mesmo sem praticar modalidades esportivas, Geni permaneceu próxima ao esporte, foi arbitra técnica e dirigente de clubes de futsal do estado. A 'Primeira

Dama dos Comentários' é a única mulher amapaense integrante da associação Brasileira de Cronistas Esportivos (ABRACE) e a única que atualmente desempenha atividades na imprensa esportiva local.

A principal estratégia que usei foi estudar e me aproximar das fontes e acompanhar os treinos para não falar bobagem. Eu nunca vou ao estádio sem saber quem está jogando ou quem está no banco, sempre vou ao treino pronto para saber o que o técnico pode me passar de informações que irão me ajudar na hora da partida, isso exige dedicação (FROTA, 2014).

Além de Alcinéa Cavalcante e Geni Frota, outras jornalistas como Elyerge Paes, apresentadora do Globo Esporte Local e a repórter Cinthya Peixe, são exemplos de mulheres que se aventuraram na cobertura esportiva no Amapá. A repórter esportiva, Cynthia Peixe, fez parte da crônica esportiva do estado, escrevia a página de esporte e uma coluna esportiva no jornal Diário do Amapá, atualmente trabalha em assessoria de imprensa e destaca que outro fator que não atrai as jornalistas para essa área é a desvalorização do profissional. Ela afirma que um dos motivos da pouca participação feminina na imprensa esportiva amapaense é a desvalorização profissional:

O repórter não é valorizado, eu trabalhei pela questão de experiência e oportunidade, mas acredito que o que afasta a presença feminina é o salário, as mulheres vão para a editoria de esporte ou em outras editorias e acabam não permanecendo porque essa é uma área muito desvalorizada aqui no estado.

No decorrer dos anos, foram poucas as mudanças que ocorreram no cenário do jornalismo esportivo amapaense. O curso de jornalismo que está funcionando há mais de 10 anos no estado potencializou maiores oportunidades para as mulheres, mas a área esportiva ainda não é muito atrativa, até no caso dos homens. Humberto Moreira afirma que há pouca renovação dos profissionais que atuam na área e que poucos são contratados, muitos batalham diariamente para vender anúncios e manter seus programas esportivos.

O mundo esportivo sempre andou em um ritmo mais lento do que as outras editorias do jornalismo, pois a tendência maior é que os profissionais sejam encaminhados para as áreas que tem maior demanda apesar da valorização do esporte o espaço dedicado a ele ainda é reduzida (MOREIRA, 2014).

A discriminação e as dificuldades da profissão nunca fizeram com que as mulheres pioneiras desistissem do jornalismo esportivo. Alcinéa trabalhou durante anos na editoria, atualmente com 58 anos de idade, é professora aposentada e contribui com o jornalismo local esporadicamente. Mesmo sem ter se formado em jornalismo, Alcinéa possui todos os direitos de um jornalista formado, devido à lei que concedeu registro profissional que concedeu registro profissional a todos que estavam no jornalismo antes de 1977. Por outro lado, Geni continua atuando como comentarista esportiva nas partidas de futebol do Campeonato Amapaense de Futebol, o Amapazão. Dentre o aprendizado e experiências conquistadas, elas conseguiram quebrar tabus e abrir portas para a atuação feminina no jornalismo esportivo no Amapá.

Considerações finais

O presente artigo abordou a participação feminina na imprensa esportiva amapaense buscando através dos relatos das mulheres pioneiras nessa área fazer o registro histórico da inserção feminina nesse segmento da imprensa no estado do Amapá, que por muitos anos teve exclusivamente a presença masculina.

Com a pesquisa constatou-se que depois de uma fase inicial, as mulheres passaram a ter uma maior aceitação nessa área. O marco dessa inserção feminina no jornalismo esportivo atual é a evidência que a mulher ganhou nos programas esportivos televisivos do país. Porém, a utilização da imagem da mulher nesses programas com o intuito de fazer uma quebra no tradicional modelo de jornalismo esportivo que foi seguido por muitos anos, faz com a inserção feminina seja facilitada no meio televisivo, na função de apresentadora e a ainda tenha resistência nos outros meios de comunicação como rádio e jornal impresso, principalmente nas funções de repórter de campo e comentarista.

No Amapá, a inserção feminina no jornalismo esportivo pouco expandiu e mesmo com todos os esforços que foram feitos desde a década de 1970 para que a mulher se tornasse parte integrante dessa profissão, ainda são poucas as mulheres que participam de coberturas esportivas no estado.

Essa temática discutida no trabalho pretende fazer o registro histórico das mulheres que tiveram a ousadia de adentrar nesse campo do jornalismo e promover uma reflexão sobre a realidade atual da imprensa esportiva local. Desse modo, esperamos que esse seja apenas um ponto de partida para futuros estudos envolvendo o jornalismo esportivo no estado do Amapá.

REFERÊNCIAS:

ADAMI, Antonio (org) HELLER, Bárbara (org) e FARIA CARDOSO, Haydée Dourado de (org). **Mídia, Cultura, Comunicação.2**. São Paulo: Arte e Ciência Editora, 2003.

BESSA, Karla Adriana Martins. **O papel da mulher na sociedade ao longo da história**. 2007. Disponível em: <<http://estelavieira-uminho.blogspot.com.br/2009/08/o-papel-da-mulher-na-sociedade-ao-longo.html>>. Acesso em: 2 dez 2014.

BUITONI, D. H. S. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. 1ª. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009. v. 1. 240p.

BUTLER, Judith. **Problema de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

BRAVO, Débora Vasconcellos Tavares. **Elas assumiram o comando**. As mulheres jornalistas no mundo do telejornalismo esportivo. 2009. Disponível em: . Acesso em: 21 dez 2014.

CAVALCANTE, Alcinéa. **Entrevista concedida à Karina Rodrigues**. Macapá, 2014.

CIRIBELI, João Paulo. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: diferenças de gênero sobre as atividades desempenhadas no setor de produção**. 2012. Disponível em: http://www.convibra.org/upload/paper/2013/34/2013_34_7986.pdf. Acesso em: 18 dez 2014.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

FENAJ: **Perfil do jornalista brasileiro**. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/reinstitui/pesquisa_perfil_jornalista_brasileiro.pdf. Acesso em: 2 dez 2014.

FERREIRA, Mary. **Entrevista concedida à Karina Rodrigues**. Macapá, 2014.

FLECHA, Marília Mariano de Lima. **A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho: Um Retrato da Desigualdade na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. 2007. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/APS-B653.pdf>. Acesso em: 2 dez 2014.

FROTA, Geni. **Entrevista concedida à Karina Rodrigues**. Macapá, 2014.

GOELLNER, Silvana. A inserção da mulher no universo cultural do esporte. **Disponível em: <https://historiadesporte.wordpress.com/2012/01/28/a-insercao-da-mulher-no-universo-cultural-do-esporte/>**. Acesso em: 12 dez 2014.

MOREIRA, Humberto. **Entrevista concedida à Karina Rodrigues**. Macapá, 2014.

Marques, José Carlos. **Entrevista concedida via e-mail à Karina Rodrigues**. Macapá, 2014.

MOTA, Isis Mendes. **Jornalismo Esportivo de Saia – A participação feminina no jornalismo esportivo**. 2013. Disponível em: <http://repositotio.uniceub.br/bistream/235/4004/1/20942932.pdf>. Acessado em: 25 out 2014.

OLIVEIRA, Janaina Cruz de. **O discurso da mulher nos primórdios do jornalismo brasileiro**, Trabalho encaminhado ao INTERCOM JUNIOR, 2005. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0115-1.pdf> > Acesso em: 15 maio 2013.

PEIXE, Cinthya. **Entrevista concedida à Karina Rodrigues**. Macapá, 2014.

ROCHA Dora; ABREU, Alzira Alves de (org.). **Elas ocuparam as redações**: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RUBIO, Kátia. **O atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SANTOS, Eliene do Carmo. **Mercado de Trabalho para mulheres jornalistas no Distrito Federal**. 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1682/2/20433800.pdf>. Acesso em: 21 dez 2014.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. 2ª ed. São Paulo: Sundermann, 2008.